

VIEIRA PINTO, MARCUSE, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: PONTOS PRELIMINARES¹

Mariana da Rosa Silveira Garros², Roselaine Ripa³

¹ Vinculado ao projeto “Tecnologia e [semi]formação: uma análise dos produtos Nova Escola”

² Acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Pedagogia – CEAD– Bolsista PIVIC/UDESC.

³ Orientador, Departamento de Pedagogia a Distância – CEAD – roselaine.ripa@udesc.br

Trata o presente resumo de um trabalho que se dedica a buscar e refletir sobre possíveis eixos de articulação entre dois autores que versam sobre a tecnologia: o alemão Herbert Marcuse (1898-1979) e o brasileiro Álvaro Vieira Pinto (1909-1987). O texto nasce fruto dos desdobramentos que a revisão de literatura, feita na pesquisa anterior, apontaram enquanto caminhos preliminares de articulação entre ambos os autores e suas ideias. Assim, o trabalho se trata de uma pesquisa bibliográfica e se coloca como um primeiro passo, pedra angular para a análise dos pontos de discussão entre tais autores e suas reflexões acerca da temática tecnologia, para, assim, buscar tentar construir nexos dela com a educação.

Álvaro Vieira Pinto foi um importante filósofo com contribuições robustas sobre a técnica e a tecnologia e suas capilaridades na sociedade, colocando-se em torno da análise dessas temáticas no contexto brasileiro (sobretudo enquanto um país colonizado e subdesenvolvido). Marcuse, radicado e vivendo a pulsante sociedade norte-americana dos anos 1960, fez suas análises e reflexões tendo como base principal a denúncia e a crítica negativa típica dos teóricos da Escola de Frankfurt, cujo “chão” era a ideia do Esclarecimento (*Aufklärung*), bem como a crítica ante o capitalismo moderno e sua superestrutura. Essa escola de pensamento tinha como característica principal as reflexões que uniam teoria social, psicologia e análise dialética, dando corpo às principais ideias da Teoria Crítica da Sociedade.

Apesar de perspectivas geográficas distintas, Vieira Pinto e Marcuse construíram suas ideias bebendo em fonte comum: a tradição marxista. Por isso, ela parece se colocar como importante ponto preliminar de articulação entre ambos autores a ser analisado se considerarmos, sobretudo, que tecnologia (e a técnica) como algo que emerge do confronto humano ante a realidade e se entendermos o trabalho como ação sobre essa mesma realidade.

Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura a partir de duas palavras-chave, a saber, Marcuse e Vieira Pinto. As bases de dados consultadas foram a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Scielo e Google Scholar, com período de busca entre janeiro e maio de 2023. Foi encontrado um total de quatro trabalhos, sendo que na Scielo não constou nenhum resultado. Quando as palavras de busca são alteradas para “Herbert Marcuse” e “Álvaro Vieira Pinto”, na BDTD, por exemplo, somente consta como resultado um único trabalho.

Um dos trabalhos articula tecnologia na perspectiva da literacia digital crítica e usa Marcuse, Vieira Pinto e outros autores para versar sobre a temática. Outro trabalho analisa os registros de classe *online* e, assim, faz uso de ambos os autores de forma separada. Um terceiro trabalho dedicou-se a pensar o caráter ideológico da tecnologia a partir de Vieira Pinto e, para pensar o que uma “ontologia da tecnologia e sua relação com o ser social” (MUELLER, 2012, p.1) vai em busca de outros autores, entre eles Marcuse, para pensar a tecnologia e suas implicações sociais. Por fim, há um trabalho que se debruçou sobre o termo “era tecnológica” e faz reflexões a partir dos conceitos de trabalho, educação e tecnologia em Marx, aproximando em alguns pontos Vieira

Pinto e Marcuse a partir da raiz marxista, e ainda relaciona o trabalho com a educação. Esse último trabalho serviu como base principal para pensar fio inicial que costura Vieira Pinto e Marcuse como dois pensadores com eixos e caminhos comuns na tradição marxista.

Assim, Lima Filho (2010) ao refletir sobre o conceito de “era tecnológica” propõe estudar “se e em que medida as categorias conceituais caudatárias da tradição filosófica e epistemológica do materialismo histórico, nas formulações originárias de Karl Max, poderiam nos orientar nesta discussão acerca da conceitualização da tecnologia e de sua produção e apropriação, considerando que tecnologia é algo importante e amplo demais para ser deixado meramente ao encargo dos tecnólogos, dos tecnocráticos, dos tecnofílicos ou dos tecnofóbicos” (LIMA FILHO, 2010, p. 84). Com isso, esse autor parece abrir margem para justificar esse debate enquanto campo também do pensamento em educação pois “em muitas das suas passagens Marx insistia que a tecnologia constituía assunto de interesse não somente de especialistas, mas da sociedade de modo geral (LIMA FILHO, 2010, p. 84).

O termo “era tecnológica” muito usado por Vieira Pinto para justificar uma errônea primazia do presente tempo (ele afirmava que todas os momentos históricos são terrivelmente tecnológicos) encontra concordância nas reflexões de Lima Filho e, pautado nisso, haveria uma justificativa “natural” e ingênua – para usar um termo de Vieira Pinto, à necessidade de uma “alfabetização tecnológica” (WINNER, 1987 apud LIMA FILHO, 2010 p. 85).

Lima Filho também recorre a Marcuse quando destaca que a tecnologia é “uma forma de organizar e perpetuar (modificar) as relações sociais, uma manifestação do pensamento humano e dos padrões de comportamentos dominantes, uma forma de controle e dominação. (MARCUSE, 1999, p. 73) e, por conta disso, ele diz que Marcuse retoma Marx pois “progresso técnico, ciência e tecnologia são necessidades e produções objetivas tanto para o capital quanto para o trabalho, porém suas possibilidades e limites são condicionados social e historicamente, de modo que é impossível falar genericamente em desenvolvimento tecnológico [...]. Faz-se necessário, portanto, ter em conta as dimensões infraestruturais e superestruturais da sociedade e, considerando os dois marcos contraditórios e limites característicos das relações capitalistas de produção” (LIMA FILHO, 2010, p. 87). Dessa forma, este autor aponta que Marcuse não se deixa levar por uma segunda categoria de análise que interessa aqui que é a de um suposto “otimismo tecnológico” pois vê na tecnologia potencialidades e obstáculos ao mesmo tempo.

Por fim, para Lima Filho (2010) a tecnologia tem ponto central na leitura da realidade pois “as representações que se produzem acerca da tecnologia estão, portanto, mediatizadas pelas relações sociais vigentes que, na dominância das relações capitalistas de produção convertem o trabalho, ciência e tecnologia em mercadoria e, dessa forma, são convertidas de sua significação concreta de uso e utilidade social, na forma geral e abstrata de troca que caracteriza a alienação da conversão em mercadoria. Derivam aí as fantasias, ou seja, o fetichismo da tecnologia, que como fetichismo geral da mercadoria, nada mais é que a atribuição de certas qualidades ou características aos objetos materiais pelas relações sociais dominantes e que aparecem como se lhes pertencessem naturalmente” (LIMA FILHO, 2010, p. 88). Assim, para articular conceitos de tecnologia e educação é mister encontrá-los a partir de Marx sobretudo por pensar que é necessário considerar que a tecnologia está localizada nas relações sociais e capitalistas e, portanto, sujeitas a contradições e possibilidades como construções sociais complexas que são.

Palavras-chave: Tecnologia. Álvaro Vieira Pinto. Herbert Marcuse.